

QUANDO A VIDA



dá pedal

CAPITAL DOS CARROS, ENFIM, GANHA CICLOVIAS E CICLOFAIXAS E ESTIMULA O BRASILIENSE A ANDAR DE BIKE. RESPEITO NO TRÂNSITO, PORÉM, AINDA PRECISA EVOLUIR MUITO

JÉSSICA RAPHAELA

O ponteiro do relógio esbarra nas 20 horas. A essa altura, as bikes já estão enfileiradas, prontas para acelerar. O trânsito está mais ameno nesse horário, então é hora de a pista externa do Parque da Cidade ser tomada por bicicletas. É assim há cerca de uma década, quando ciclistas começaram a se reunir no local em busca de um treino em conjunto. Em grupo, eles deixam de ser um veículo indefeso e se tornam grandes, capazes de somar 100 candangos em uma mesma pedalada.

O nome é simples. Conhecido por toda a capital, o Pelotão do Parque da Cidade exige fôlego dos integrantes. Nos encontros de terça e quinta-feira, são cinco voltas no local, que rendem 50km por noite. Ninguém quer ficar para trás. Mas, se ficar, não tem problema, porque outras duas equipes de níveis técnicos diferentes saem do mesmo ponto, no estacionamento 9: o Pedala Mais e o Pedal Noturno. Com o sobrenome do presidente que criou uma capital tão voltada para o uso do carro, o parque Sarah Kubitschek é o embrião da prática que virou moda no Distrito Federal.

“Foi uma forma de nos sentirmos seguros entre os carros, porque, juntos, não podemos ser ignorados”, explica o coordenador do Pelotão no Parque, Júlio Cesar Rieder. A ideia simples criou um fenômeno. Hoje, o DF conta com cerca de 50 grupos organizados que revezam dias e caminhos pelas vias

da capital e regiões administrativas. Criado há cerca de dez anos, o pelotão reunia atletas que buscavam treinar pesado. Os 10 integrantes iniciais logo se multiplicaram e, hoje, chegam a alcançar a marca de 60 ciclistas no mesmo dia.

A intensidade do pedal é tão alta que Júlio tomou a iniciativa de criar um dia específico, a quarta-feira, para ensinar os integrantes a pedalar em grupo. “Os ciclistas ficam muito próximos um do outro, que tem contato físico. Isso pode gerar acidentes. Se um cair, todos os outros caem juntos”, explica o ciclista, e ressalta que esse pelotão é quase uma competição, diferente de outros que são passeios noturnos pela cidade.

Independentemente do objetivo do grupo, todos têm o mesmo benefício de estar mais seguro, e não apenas em relação ao trânsito. Pedalar em equipe reduz o risco de assaltos. Além disso, as pessoas passam a conhecer as bicicletas uns dos outros, o que facilita a identificação de bikes roubadas.

Em contrapartida, todos lidam com o mesmo problema: a falta de respeito ao ciclista. “Nós ainda somos vistos como invasores, como se a via não fosse nosso lugar”, reclama Júlio César. Prevista no Código de Trânsito Brasileiro como um veículo, a bicicleta tem preferência diante dos automóveis. “Ainda falta muito, mas a cidade está aí, cheia de gente pedalando. Isso mostra que teremos um futuro baseado na bicicleta.”

Carlos Vieira/CB/D.A Press



PASSEIO NOTURNO NO PARQUE DA CIDADE: EM TURMA, É MENOS PERIGOSO E MAIS PRAZEROSO

107KM

PERCURSO DE CICLOVIAS E CICLOFAIXAS QUE AINDA NÃO FORAM CONCLUÍDAS, SEGUNDO A SECRETARIA DE MOBILIDADE DO DF

10KM

PERCURSO DA CICLOVIA DO PARQUE DA CIDADE, QUE DEVERIA ESTAR PRONTA DESDE A COPA DO MUNDO DE 2014, MAS ATÉ HOJE NÃO FOI CONCLUÍDO